

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

MARCELO JOSUÉ TELLES

EVASÃO NOS CURSOS TÉCNICOS DE INFORMÁTICA: A
IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO

Porto Alegre

2011

MARCELO JOSUÉ TELLES

**EVASÃO NOS CURSOS TÉCNICOS DE INFORMÁTICA: A
IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial
à obtenção do grau de Especialista
em Informática na Educação, pelo
Centro Interdisciplinar de Novas
Tecnologias na Educação da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – CINTED / UFRGS.**

**Orientador:
Prof. Dr. Johannes Doll**

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenador(as) do curso de Especialização em Informática na Educação:

Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a *DEUS*, por todas as belas coisas da vida, pelas oportunidades que me foram dadas e pela força em assumi-las.

Agradeço a minha mãe, pelo apoio, incentivo, orientações e conselhos prudentes e carinhosos. Por estar sempre disposta a me ensinar lições para a vida.

Agradeço a minha esposa, que cada dia soube compreender melhor minha ausência entendendo que os fins justificam os meios. Colaborando insubstituivelmente, com minhas tarefas do dia-a-dia e principalmente nas conversas de professor para professora.

Agradeço a meu irmão pela forma muito prática e crítica, que me incentivou a explorar novos conhecimentos. Esteve sempre disposto a escutar e dar conselhos construtivos, sobre minhas ideias e invenções.

Agradeço ao meu orientador Johannes, por indicar os livros, esclarecer dúvidas sobre a teoria da conscientização, proposta pelo autor Paulo Freire e demais teorias pedagógicas. Propor, gentilmente, estudos sobre o tema aprendizagem e motivação.

Agradeço a meus alunos, que guardo com muito carinho em minhas listas de chamada, os quais são a energia e o motivo de tantos estudos e constante aperfeiçoamento acadêmico.

Agradeço aos meus professores, que tiveram paciência em me explicar, colaborando de forma concreta na formação de meu conhecimento e qualificação profissional.

“Crescer como Profissional significa ir localizando- se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos, para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação”.

Paulo Freire

RESUMO

Atualmente o nível de ensino técnico expande-se e ganha importância, em virtude da crescente evolução tecnológica regional e mundial. Esta ampliação da rede de ensino visa suprir uma necessidade do mercado de trabalho, ao mesmo tempo é explorada como um ramo de negócio privado e foco para investimentos público (Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, 2007). Uma presente preocupação no cotidiano dos professores deste nível de ensino é a evasão escolar. O fraco comprometimento, baixo rendimento aliados a evasão escolar preocupam e exigem novas atitudes dos professores e instituições de ensino. Diante da importância em motivar alunos, serão pesquisados conceitos teóricos sobre o tema e analisadas situações reais de duas escolas. Este trabalho tem como objetivo conceituar teoricamente motivação e investigar aspectos do cotidiano escolar que influenciam na aprendizagem, evasão e estado motivacional dos alunos. Como resultado apresenta algumas atitudes a serem tomadas pelas instituições de ensino e professores.

Palavras-chave: motivação, aprendizagem, ensino técnico, evasão.

ABSTRACT

Currently the level of technical education expands and grows in importance, due to the growing regional and global developments in technology. This expansion of the school aims to fill a need in the labor market, while operated as a branch of private business and focus for public investment (Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, 2007). A present concern in the daily lives of teachers of higher education is a dropout. The weak commitment, coupled with low-income school dropout concern and require new attitudes of teachers and educational institutions. Given the importance of motivating students, theoretical concepts will be surveyed on the topic of real situations and analyzed two schools. This paper aims to conceptualize motivation theory and research aspects of school life that influence learning, truancy and motivational state of students. As a result provides some actions to be taken by educational institutions and teachers.

Keywords: motivation, learning, technical education, dropout.

ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

ENEM – Exame Nacional Do Ensino Médio

ESPIE – Especialização em Informática na Educação

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI – Serviço Social da Indústria

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande Do Sul

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma da Monografia.....	7
Tabela 2 – Características dos Alunos Entrevistados.....	21

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
1.1. Objetivos.....	1
1.2. Justificativa.....	2
1.3. Estrutura do Documento.....	2
2. Metodologia.....	4
2.1. Roteiro Para Realização da Entrevista.....	4
2.2. Universo da Pesquisa.....	5
2.3. Caracterização das escolas.....	5
2.4. Metodologia de Pesquisa.....	6
2.5. Cronograma.....	7
3. Reflexão e Teoria.....	9
3.1. Trazer a Realidade Para a Sala de Aula.....	10
3.2. Aprendizagem e Motivação.....	12
3.3. Linguagem.....	15
3.4. Teorias da Motivação.....	16
3.5. Ações do Professor.....	17
3.5.1 Motivando o Aluno.....	19
4. Análise dos dados.....	21
4.1. Caracterização dos Entrevistados.....	21
4.2. As Respostas dos Alunos.....	23
4.3. Analisando as Respostas Qualitativamente.....	25
4.4. O Que a Escola Pode Fazer.....	27
4.5. O Que o Professor Pode Fazer.....	28
5. Considerações finais.....	30

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa identificar razões para evasão dos alunos nos cursos técnicos de informática. Preocupado com este fenômeno, foi realizada uma pesquisa na tentativa de entender as razões da desistência, focalizando na possível falta de motivação dos alunos. Foram entrevistados alunos que desistiram do curso em duas instituições. Esta temática preocupa a mim, pois é presente em minha atuação profissional. Desde 2008 sou professor de ensino técnico, em 2007 concluí a graduação em Licenciatura em Computação pela Universidade Feevale. Atualmente sou aluno do curso de Especialização em Informática na Educação – ESPIE 2009, na Universidade Federal do Rio Grande Do Sul – UFRGS. Esta especialização me possibilitou um espaço para reflexão sobre a minha prática profissional e abriu a possibilidade de pesquisar sobre evasão em cursos técnicos. Leciono em duas escolas de nível técnico: Escola de Educação Profissional Olímpio e Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação nas disciplinas de lógica de programação, linguagem de programação e eletrônica para computação. Além do nível técnico também atuo na educação de nível fundamental séries finais no Colégio Sinodal de São Leopoldo na disciplina de educação tecnológica e na Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação na oficina de robótica educativa.

1.1. Objetivos

O trabalho visa identificar e analisar possíveis razões para desistência de adolescentes e adultos de dois cursos técnicos em informática, focalizando nos aspectos motivacionais. Além disso, visa identificar as relações entre motivação e aprendizagem.

Aspectos tais como rendimento e evasão escolar serão analisados para identificar uma possível ligação com a motivação.

Busca-se, também compreender as razões do fracasso e evasão dos cursos técnicos e oferecer recursos ao professor para prevenir tais fenômenos. Também é um objetivo do trabalho pesquisar as características pedagógicas dos cursos técnicos de informática, compreendendo as complexidades enfrentadas pelos alunos.

1.2. Justificativa

Diante da necessidade de qualificação da educação brasileira, percebida por iniciativas de avaliação, como por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM (Ministério da Educação, ENEM) e Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE (Ministério da Educação, ENADE), torna-se importante uma análise do estado motivacional dos alunos destes níveis de ensino. Neste trabalho será analisado apenas o nível de ensino técnico.

Existe uma significativa oferta de cursos técnicos, tanto na rede pública quanto na rede privada. Os alunos destes cursos serão frutos de uma rede de ensino que está em crescimento e ainda precisa de elementos que sejam aliados na produção de ensino de qualidade. Enquanto a rede de ensino cresce se percebe a necessidade de parâmetros, tanto para professores elaborarem aulas quanto para instituições de ensino promover tais cursos.

Fracasso e evasão nos cursos técnicos são aspectos que devem ser levados em consideração pelas instituições de ensino, desde a implantação do curso, passando por sua manutenção e evolução. Também é importante a compreensão destes aspectos por parte dos professores, pois estes devem ser agentes ativos para prevenir tais acontecimentos, utilizando adequadamente o momento das aulas, o material didático e demais elementos de tais cursos.

1.3. Estrutura do Documento

Este trabalho está dividido da seguinte forma: o capítulo dois apresenta a metodologia e etapas da realização da entrevista com ex-alunos, que desistiram do curso técnico em informática, ou seja, apresenta uma metodologia de pesquisa, que foi adotada para coletar informações reais com alunos de duas escolas, bem como a caracterização destas duas escolas. O capítulo três apresenta teorias e conceitos sobre

motivação de alunos, aprendizagem, aspectos relevantes em sala de aula, relativos à motivação, compreensão do fracasso e evasão dos cursos técnicos. O capítulo quatro apresenta a análise dos dados e reflexão sobre as entrevistas realizadas com os ex-alunos. Finalizando o trabalho, algumas considerações finais e conclusões serão feitas no capítulo cinco. Em seguida estão as referências bibliográficas e os anexos.

2. METODOLOGIA

Para coleta dos dados, foram entrevistados alunos que desistiram de cursos técnicos em informática de duas escolas privadas, para identificar quais motivos levaram o aluno a desistir do curso. Através das entrevistas também foram exploradas as pretensões e expectativas profissionais dos alunos.

2.1. Roteiro Para Realização da Entrevista

Foram feitas perguntas para os alunos, em forma de entrevista, com o seguinte roteiro:

1. Investigar os motivos que levaram os alunos a ingressarem no curso técnico;
2. Investigar os motivos que fizeram com que o aluno desistisse do curso técnico;
3. Investigar as expectativas com o curso técnico;
4. Investigar o que gostou no curso técnico (cinco itens);
 - Como sugestão segue os seguintes itens:
 - Tipos de atividades (teórica, prática, visitas, palestras, atividade em grupo, pesquisa, montar apresentação, desenvolver solução para problema etc.);
 - Forma de apresentação do conteúdo pelo professor (apresentação oral, vídeo, conteúdo em páginas na internet, slides etc.);
 - Disciplina que tenha gostado;
5. Investigar o que não gostou no curso técnico (cinco itens);
 - Como sugestão segue os seguintes itens:
 - Tipos de atividades (teórica, prática, visitas, palestras, atividade em grupo, pesquisa, montar apresentação, desenvolver solução para problema etc.);
 - Forma de apresentação do conteúdo pelo professor (apresentação oral, vídeo, conteúdo em páginas na internet, slides etc.);
 - Disciplina que não tenha gostado;
6. Investigar se este curso foi uma escolha sua;

7. Investigar o que achou do curso? Por quê?
8. Investigar o interesse ou ingresso em outro curso;
9. Investigar a possibilidade de retorno ao mesmo curso;

Para investigar os alunos e obter respostas, a fim de relacionar com a abordagem teórica pesquisada, foram contatados sete alunos. As respostas destes foram registradas individualmente e analisadas posteriormente de forma qualitativa.

2.2. Universo da Pesquisa

O universo de pesquisa deste trabalho é composto por sete alunos de duas escolas de nível técnico. A escolha por este público se deve ao fato de se tratar de um ramo de expressiva expansão atualmente e um curso que oferece alta carga intelectual, com grades disciplinares objetivas e centradas em áreas cujo aproveitamento é profissional visando prática e ou outro tipo de aproveitamento imediato.

O enquadramento legal dos cursos de educação profissional de nível técnico (Ministério da Educação 2007) define que este é destinado a jovens e adultos que estejam cursando ou tenham concluído o ensino médio, mas cuja titulação pressupõe a conclusão da educação básica (ensino fundamental e médio) de onze anos, diante disso a pesquisa teórica focará bibliografia sobre este nível educacional e faixa etária.

Os alunos entrevistados são de duas escolas privadas de nível técnico. Trata-se da Escola de Educação Profissional Olímpio e da Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação, ambas da cidade de Novo Hamburgo. Foram entrevistados alunos destas duas escolas pois tratam-se de escolas que tenho acesso aos planos de curso e mais facilidade em obter os dados para contato com ex-alunos.

2.3. Caracterização das escolas

A Escola de Educação Profissional Olímpio possui unidade em nove cidades da região do Vale dos Sinos e Vale do Paranhama. A unidade de Novo Hamburgo oferece cursos de qualificação profissional presencial e à distância. Além disso, oferece dois cursos técnicos: técnico em Informática e técnico em Administração, ambos autorizados pela Secretaria Estadual de Educação. Atualmente atende 9.000 estudantes

(Olimpio 2011). Nesta escola foram entrevistados cinco alunos do curso técnico em informática.

A Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação atende cerca de 500 alunos nos níveis infantil, fundamental e médio. Além disso, oferece três cursos de nível profissional: técnico em informática para internet, técnico em redes de computadores e técnico em publicidade, todos autorizados pela Secretaria Estadual de Educação (Feevale 2011). Nesta escola foram entrevistados dois alunos, ambos do curso técnico em redes de computadores.

Na Escola Olímpio, atualmente, o curso técnico em informática é composto de três módulos, onde são oferecidas dezesseis disciplinas totalizando 1020 horas aula. O curso não contempla estágio.

Na Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação, atualmente, o curso técnico em informática para internet é composto de quatorze disciplinas, o curso técnico em redes de computadores quinze disciplinas ambos com 1000 horas aula.

2.4. Metodologia de Pesquisa

A coleta de dados foi feita individualmente, de forma oral constituída de pesquisa qualitativa, sendo que as respostas dadas pelos alunos foram analisadas qualitativamente. Cada aluno teve tempo de aproximadamente trinta minutos para responder as perguntas que foram feitas oralmente, seguindo o roteiro mencionado anteriormente. Todos os alunos assinaram um termo de consentimento informado, autorizando a análise de suas respostas, bem como a publicação dos resultados da pesquisa, não mencionando seu nome nem demais informações pessoais. O termo de consentimento informado está disponível no anexo A.

Na realização da pesquisa o aluno foi observado e interrogado de forma informal. Observando-se possibilidades de novas perguntas, estas foram feitas, de acordo com o grau de aceitação do entrevistado. Durante a entrevista foi analisada e extraída a maior quantidade de informações possível. A entrevista foi constituída de uma conversa aberta seguindo o roteiro, visando extrair de cada entrevistado tudo aquilo que este estivesse disposto a contribuir para diagnosticar os motivos de sua desistência e ações que poderiam favorecer a prevenção deste fenômeno.

Sabe-se que motivos tais como poucos recursos financeiros e exigências cognitivas podem não ser revelados de imediato pelos entrevistados, pois se tratam de aspectos particulares de cada pessoa e estes podem não ser assuntos fáceis de abordar em uma simples entrevista.

Para contornar este tipo de bloqueio por parte do aluno, teve-se o cuidado para conduzir uma entrevista bastante aberta, oferecendo compreensão às dificuldades cognitivas e sociais de cada entrevistado.

Embora a entrevista seja um meio onde se obtém apenas aquilo que o entrevistado esteja disposto a revelar, ela ainda é o melhor meio de obter informações acerca do aluno. Outras formas de obter respostas também podem ter resultados nem sempre confiáveis, como é o caso de pesquisas feitas de forma *online* ou questionários de múltipla escolha. Os questionários de perguntas fechadas, não foram utilizados, pois se destinam a outras abordagens, e para os objetivos da presente monografia não colaboraria o suficiente para serem adotados. Tendo em vista que esta pesquisa buscava a compreensão das razões da desistência de alunos, uma abordagem mais aberta como uma entrevista semiestruturada pareceu mais adequada.

2.5. Cronograma

Para realização do presente trabalho, foi adotada a seguinte organização cronológica, apresentada pela tabela 1.

Tabela 1 – Cronograma da Monografia

Ano		2010	2011					
Meses		12	01	02	03	04	05	06
Fases	1- Pré-projeto							
	2- Referencial Teórico							
	3- Coleta de Dados							
	4- Análises de Dados							
	5- Elaboração do relatório							

O pré-projeto foi iniciado logo que foi percebida a possibilidade de aprofundar meus conhecimentos sobre motivação. Visto que considero importante este

aspecto, para o andamento das aulas e para o dia-a-dia escolar. Como a monografia implica em uma busca por uma solução, entre outros objetivos, foi definido que a busca da monografia seria por soluções ao problema da evasão nos cursos técnicos, nos quais leciono.

O referencial teórico, foi adotado mediante sugestões do orientador, o qual foi escolhido por sua linha de pesquisa em educação de adultos, onde se abordam assuntos tais como conscientização na educação, andragogia, socialização e cultura, teorias da aprendizagem, pilares da educação, educação formal, não formal e informal, educação profissional, pedagogia social entre outras.

A coleta de dados exigiu dedicação, em dois momentos. Primeiro obter os dados de contato, foi feito mediante requerimento e levou sete dias, para ficar pronto. O segundo momento na comunicação com os alunos e agendamento de horário para a entrevista. Os entrevistados foram bastante atenciosos nas entrevistas e responderam as perguntas com cordialidade.

A análise dos dados foi realizada paralelamente as entrevistas. Em seguida o relatório recebeu forma e foi finalizado.

3. REFLEXÃO E TEORIA

A necessidade de formação adequada para trabalhadores foi percebida em vários momentos da história brasileira. Em 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, D. João VI cria o Colégio das Fábricas, considerado o primeiro estabelecimento instalado pelo poder público, com objetivo de atender a educação profissional (GARCIA 2000). Em 1906 são criadas quatro escolas profissionais no Rio de Janeiro, destinadas ao ensino de ofícios e aprendizagem agrícola. Em 1909 o presidente Nilo Peçanha assina o decreto 7.566 que cria dezenove “Escolas de Aprendizes Artífices” destinado ao ensino profissional. Nos anos 30 e 40, durante o processo de industrialização do Brasil, foi percebida a necessidade de mão de obra qualificada para as fábricas que surgiram no processo da industrialização do Brasil. Em função disso, neste ano foi fundado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, mais tarde o Serviço Social da Indústria – SESI. Desde então cada vez mais cursos são oferecidos no país, tanto por iniciativas públicas quanto privadas. Estas iniciativas buscam atender necessidades sociais e econômicas.

A preocupação com qualificação da mão de obra refletiu diretamente na educação, não só nos anos 30 e 40, mas como também reflete até os dias atuais. Um fator que deve ser levado em consideração no processo de qualificação profissional é, de fato a qualidade do ensino. O cenário atual de extrema competitividade no nosso país, tende a priorizar quantidade em detrimento a qualidade, reduzindo tempo e custo para geração de resultados imediatos e superficiais. Uma reflexão sobre estes valores e prioridades, bem como seus problemas é apresentado por Alves (1995, p. 19):

[...] O educador, [...] habita um mundo em que a interioridade faz a diferença, em que as pessoas se definem por suas paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema.

Frequentemente o educador é mau funcionário, porque o ritmo do mundo do educador não segue o ritmo do mundo da instituição. [...].

As competências escolares devem prevalecer, mesmo que sejam necessários investimentos de mais recursos, seja financeiro ou carga horária.

Diante deste cenário se verifica a importância de manter a qualidade dos cursos e ao mesmo tempo oferecer vagas a todos os interessados. A oferta de cursos de qualidade para todos, implica em oferecer a todos os alunos, cursos e possibilidade de trabalho na área desejada. Muitas vezes as duas condições não são possíveis em todas as regiões do Brasil. Neste caso o condicionamento é claro e a falta de opções leva o aluno a escolher dentre as opções disponíveis e não realmente o que de fato deseja estudar e futuramente trabalhar.

3.1. Trazer a Realidade Para a Sala de Aula

A educação libertadora (FREIRE 1981), além de um método de alfabetização, é uma epistemologia da educação e uma teoria da formação do conhecimento, relacionada à formação. O aprendizado do aluno deve contemplar aspectos da sua realidade e aspectos que fazem ou farão parte de sua vida. Nas aulas dos cursos técnicos os alunos devem reconhecer que tais conceitos estudados nas disciplinas serão, em breve, aproveitados na profissão escolhida. Diante disso se percebe que, para o aluno definir qual área profissional seguir, é necessário que este conheça algumas disponíveis em sua região. Participar de eventos que explique as particularidades de cada profissão, visitar empresas, receber profissionais na sua instituição de ensino, ou simular situações da profissão, podem contribuir para que o aluno se perceba envolvido com conceitos apresentados em sala de aula. Este envolvimento irá favorecer a conscientização de que a realidade deste aluno é tão próxima da realidade vivida pelos profissionais que trabalham na área, a qual o aluno está estudando.

No campo da educação, principalmente na básica e média podemos destacar uma definição de Snyders (1993, p. 14): “os alunos consideram evidente que a escola é triste e está condenada a ser triste.”. Isso interfere na situação emotiva do aluno, uma vez que para ele o período de aula é definido como um momento de tristeza. Deve ser um momento de seriedade e concentração e não de tristeza, desta forma o professor

deve esclarecer bem os objetivos da aula, destacando as competências que serão trabalhadas e quais os benefícios de cada disciplina.

Destaca-se aqui a felicidade do aluno, este termo deve ser sempre lembrado pelo professor, pois este estado emocional influencia na atenção e esforços dedicados nas tarefas escolares. Neste momento cabe destacar uma observação de Alves (1995, p.121):

[...] que ensinam tudo sobre fogo, panelas, ingredientes, condimentos, reações, transformações, mensurações – mas em nenhum lugar ensinam a arte suprema sem a qual não se faz comida boa: a arte de degustar. Nas escolas formam-se cozinheiros castrados de língua.

Um aluno envolvido por um sentimento forte tal como a felicidade, irá se arriscar a testar os limites de sua produção, sabendo que este teste oferece a possibilidade de encontrar resultados que gerem a necessidade de mais estudo e trabalho.

Outro sentimento que pode colaborar positivamente com o rendimento do aluno é a afetividade. O grau de afetividade presente na relação do professor com seus alunos representa uma relação e base para a aquisição do conhecimento pelo aluno. O aluno precisa sentir-se integralmente aceito para que alcance plenamente o desenvolvimento de seus aspectos cognitivos, afetivos e sociais Balestra (2007, apud JUSANI, 2009).

Paulo Freire (1987, p. 83) conclui que o conteúdo programático, deve ser explorado previamente pelo professor. É importante destacar que a reciprocidade e aproximação do professor são fundamentais, conforme destaca Freire (1993, p. 85): “[...] O professor deve ter preparado minuciosamente o curso, pois assim o aluno percebe que ele e seu professor estão empenhados na mesma tarefa e estão na mesma busca”. Isso reduz a distância entre professor e aluno, incentivando este, mostrando que entre o saber e o não saber existem apenas dois passos: o aprender e o fazer algo com aquilo que aprendeu.

3.2. Aprendizagem e Motivação

O objetivo principal de cursos técnicos, assim como outros cursos de aproveitamento imediato, é a aprendizagem. Esta palavra, aprendizagem, possui definições que adotam termos não conclusivos, e por isso não tem um conceito único, conforme Hilgard (1975, p. 3):

Aprendizagem é o processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontrada, desde que as características da mudança de atividade não possam ser explicadas por tendências inatas de respostas, maturação ou estados temporários do organismo (por exemplo, fadiga, drogas etc.).

Desta forma os alunos dos cursos técnicos precisam dedicar-se no curso e assumir um papel ativo no processo de aprendizagem. Participando das aulas, compreendendo os conceitos, de forma a ampliar seus conhecimentos, adicionando novas realidades e experiências. Envolverem-se nas atividades propostas e reagirem de forma embasada frente aos problemas e desafios apresentados pelos professores em sala de aula.

Uma parcela do sucesso do aluno depende dele mesmo, ou seja, o aluno deve se envolver nas aulas e estabelecer relações cognitivas com os novos conhecimentos. É importante, desde o início do curso, que o aluno saiba que seu envolvimento é fator importante para um bom aproveitamento do mesmo.

Em cada disciplina do curso, os alunos devem receber em forma de apresentação pelo professor e de forma escrita, quais são os objetivos, para assim, este perceber-se envolvido e acreditar que suas ações de envolvimento, mudança de comportamento e relações fazem parte do processo de aprendizagem.

As teorias apresentadas por Dewey (1978) oferecem diversas bases para atitudes que os professores deste nível de ensino podem adotar: atividades baseadas no interesse e esforço. Se por um lado temos como obter a atenção dos alunos despertando o interesse, por outro temos como obter a atenção destes através do esforço.

Caso o aluno estiver interessado, o professor terá a atenção e a dedicação deste, para atingir o objetivo, por outro lado o professor deve estar atento, pois o aluno que não estiver empenhado não irá desenvolver as mesmas competências dos demais

(Dewey 1978). Esta teoria deixa claro que o interesse por parte do aluno é fundamental, o desafio para o professor, desta forma, consiste em mantê-lo durante toda a aula, em um nível adequado, ao ponto deste realizar esforços para atingir os objetivos propostos. Caso ocorram quedas dos níveis de interesse, o professor deve orientar os alunos e oferecer condições que contorne este problema, mostrando que este consegue avançar dando-lhe novas orientações, mas não respostas prontas.

Geralmente o interesse diminui quando os objetivos da aula estão com elevada carga de informação ou complexidade, nestes casos o professor deve revisar, orientar coletivamente ou em grupos e explicar novamente a aula, dar mais informações, e sugestões de como o aluno pode encontrar caminhos para atingirem os objetivos e encontrar as respostas. Caso contrário podem ocorrer problemas de aprendizagem, conforme destaca Feijó (2000), pois trata-se de um aluno desmotivado.

O termo “interesse verdadeiro”, apontado por Dewey (1978), pode ser definido como “[...] sinal de que algum material, objeto, ou habilidade está sendo apreciado de acordo com o que atualmente concorra para a marcha progressiva de uma ação com a qual a pessoa se tenha identificado [...]” (DEWEY 1978, p. 86), o mesmo finaliza com a seguinte conclusão “[...] em suma significa que a pessoa se identificou consigo mesma, ou que encontrou a si mesma no curso de uma ação” (DEWEY 1978, p. 86).

O aluno entende, desta forma, a importância do que está realizando, agregando e fixando esta experiência de forma significativa. Esta percepção, do aluno identificar que suas ações são de fato relevantes e que este tem condições de desenvolver, criar e projetar algo, são aspectos que favorecem a conscientização de sua importância no mundo em que vive.

Ter a consciência que suas atitudes afetam o seu meio, favorece a compreensão de que sua existência tem importância para o mundo em que vive.

Quanto ao esforço, assim como o interesse, este se desenvolve durante a realização de uma ação (Dewey 1978). Esta ação precisa acontecer em um determinado tempo, não pode ser imediata e muito rápida, é parte de um processo que deve ter uma determinada duração e passe por uma série de estágios. O esforço depende do seu fim a ser atingido e este deve justificar o gasto de energia e dedicação empregadas na

realização da tarefa. Ao dedicar uma dose de esforço e atingir os objetivos propostos, o aluno experimenta a superação e emoção de conquistar ou concluir uma atividade, com isso se sente recompensado pelo esforço dedicado. As aulas devem ter um planejamento, tarefas longas devem ser segmentadas em partes e estabelecidos cronogramas com metas a serem alcançadas em cada aula, ao final de cada aula o aluno deve ter a possibilidade de vislumbrar o que realizou.

A teoria do funcionalismo, apresentada inicialmente John Dewey, em 1896 pode ser adotada para compreender a importância da motivação e também identificar iniciativas a serem tomadas para melhores resultados no aprendizado dos alunos. O funcionalismo apresenta, em contradição ao estruturalismo, que não devemos pensar que a atividade começa com um estímulo, passa através de um processo central e emerge numa resposta (DEWEY 1896, apud HILGARD 1975, p. 412):

[...] Pelo contrário, a atividade é um ciclo completo – um ‘circuito reflexo’ – no qual a resposta pode solicitar ou “construir” o estímulo. A relação da resposta com o estímulo posterior pode não ser tão importante como sua relação com o anterior.

As atividades propostas podem ser semelhantes, utilizando-se exercícios que sigam uma linha de complexidade, onde a resposta de um, seja o suporte para a resolução de outro. De forma simples e objetiva os alunos de cursos técnicos precisam perceber que seu conhecimento é de todo muito valioso e deve ser capaz de compreender todas as partes e etapas apresentadas.

Educação como prática da liberdade, segundo Freire (1980, p.107), “... é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.”, este ato o professor deve realizar, associando as futuras tarefas profissionais nas suas aulas, fazendo com que o aluno perceba a utilidade do que está aprendendo e a possibilidade de utilização de tais conhecimentos para a realização de seus projetos.

Liberdade humana significa ser verdadeiramente autônomo, significa agir sem a influência de estímulos externos, sem autocensuras. Significa executar ações por legítimo interesse próprio (DECI 1998). Para que o aluno chegue neste ponto e produza de acordo com o seu interesse ele deve ter subsídios, ou seja, conhecimento sobre alguma área e em seguida deixar fluir sua criatividade.

3.3. Linguagem

Um fator de grande importância para se comunicar de forma adequada, obtendo a atenção e compreensão dos alunos, é o posicionamento do professor como aluno. Bakhtin (1997) destaca este fator, descrevendo a importância da transposição da posição do autor para posição de leitor. Este princípio é chamado no mundo da linguagem, de princípio da exterioridade (BAKHTIN 1997, p. 57):

[...] Vivencio o eu do outro de um modo totalmente diferente daquele como vivencio meu próprio eu. Trata-se de uma distinção essencial não só para a estética, mas também para a ética. [...] de uma maneira geral, deve-se aliviar o outro de seus fardos e assumi-los para si mesmo.

Tal processo facilita a aproximação do professor com o aluno, favorecendo a aproximação do aluno com o professor, a identificação do aluno como aprendiz e a motivação em se descobrir e fazer parte atuante do seu contexto escolar e social.

Nos cursos técnicos é fundamental que os alunos recebam e utilizem material didático de forma dosada. Em função de muitas leituras técnicas e longas, este tipo de prática pode exigir do aluno um esforço elevado, para isso deve estar interessado. Quanto à definição de leitura, podemos destacar que a autora Orlandi (1998, p. 7) apresenta duas:

[...] leitura no sentido mais restrito e acadêmico, significa construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto [...]” e “[...] leitura no sentido mais restritivo, em termos agora de escolaridade, pode-se vincular leitura à alfabetização (aprender a ler e escrever) e leitura pode adquirir então o caráter de estrita aprendizagem formal.

Quanto à definição dos textos e linguagem usada nos textos, segundo Bakhtin (2003) temos dois gêneros: gênero primário, que é utilizado na linguagem cotidiana e gênero secundário, que é utilizado na linguagem adotada por textos científicos. Bakhtin, ainda destaca que o texto passa por dois planos: primeiro plano é o do pensamento, e, o segundo plano, refere-se à linguagem usada para definir os termos que no final irão construir o texto. De certa forma o professor precisa de argumentos, palavras, verbos e sem dúvida conhecer sobre aquilo que deseja compor.

A palavra é um instrumento e, como tal, pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Ela também tem o poder de destruir, arruinar, deprimir, de causar

todo tipo de dor à alma de alguém, podendo deixar profundas marcas (Pimentel, 2006). Por isso é importante que o professor utilize a palavra/linguagem como meio de construção e de conquista. É com a palavra que o professor deve conquistar os alunos. Para tanto, deve levar em consideração aspectos relativos ao significado de cada palavra utilizada, efeitos causados pelo conjunto das palavras adotadas, pois conforme estudos de Vigotsky (1989) a função da fala é comunicação e o intercâmbio social. A fala está associada e relacionada ao pensamento, embora não sejam ligadas por um elo primário, possuem relações onde ambas fazem parte de um único processo e constituem partes igualmente importantes, que combinadas resultam em componentes com propriedades distintas dos elementos originais.

3.4. Teorias da Motivação

Nossas ações implicam, muitas vezes, em escolhas que são permanentes. Procuramos alcançar metas, podemos fazê-lo energicamente ou sem muita determinação. Motivação é a palavra que designa esse processo comportamental. Motivação consiste no conjunto de forças internas que mobiliza o indivíduo para atingir um dado objetivo como resposta a um estado de necessidade, carência ou desequilíbrio.

A palavra motivação vem do latim *movere*, que significa “mover”, é aquilo que é suscetível de mover o indivíduo, de levá-lo a agir para atingir algo e de estimulá-lo a produzir um comportamento orientado. É o processo responsável pela intensidade, direção e persistência dos esforços de uma pessoa para o alcance de uma determinada meta.

A motivação faz parte da ação (SHOR e FREIRE 2000, p. 15):

[...] É um momento da própria ação. Isto é, você se motiva à medida que está atuando, e não antes de atuar. [...] a motivação tem que estar dentro do próprio ato de estudar, dentro do reconhecimento, pelo estudante, da importância que o conhecimento tem para ele.

Com relação à motivação na educação, ou seja, o desejo dos alunos em participar do processo de aprendizagem, devemos nos atentar para os dois tipos: intrínseca e extrínseca. Segundo o autor AMES (1990, apud JAQUES; VICARI, 2004), os estudantes que são motivados intrinsecamente são orientados a desenvolver novas

habilidades, tentar entender seu trabalho, melhorar seu nível de competência e aprender novas coisas.

A motivação intrínseca deve fluir e para isso, segundo Freire (2000, p. 54): “[...] devemos demonstrar que os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica em luta.”. O aluno deve ser despertado para a realidade e perceber o quanto suas ações são importantes. O aluno deve estar preparado para encontrar e enfrentar dificuldades. Tais dificuldades podem estar relacionadas ao aprendizado, à falta de oportunidades e às injustiças da sociedade.

A motivação apresenta-se como o aspecto dinâmico da ação: é o que leva o indivíduo a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma ação. Uma das grandes virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração, assim, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar atividades.

Ao sentir-se motivado o aluno tem vontade de fazer alguma coisa e se torna capaz de manter o esforço necessário durante o tempo necessário para atingir o objetivo proposto. Diante desse contexto percebe-se que a motivação é fundamentalmente, uma aliada e deve ser considerada pelos professores de forma cuidadosa, procurando mobilizar as capacidades e potencialidades dos alunos a este nível.

3.5. Ações do Professor

Escutar e ler as falas do cotidiano dos alunos é definido como uma métrica valiosa, para o conhecimento da classe e alunos. Shor e Freire(1986) acreditam que o processo de ensino precisa ser baseado em um processo de pesquisa no qual se toma conhecimento da classe dos alunos “[...] Este ensino-pesquisa tem grande valor prático. Ele educa o professor a projetar um currículo intrinsecamente motivador. Também diminui a distância profissional entre professor e alunos” (SHOR e FREIRE 1986, p. 21).

Uma das constatações de Freire (1992) é que o professor deve, fundamentalmente, entender os seus alunos e levar em consideração o seu cotidiano, tornando sua fala próxima do mundo destes. Levando-se em consideração os cursos técnicos, deve-se preparar o aluno para a linguagem de gênero secundário e dar

subsídios ao aluno antes de introduzir a linguagem científica que é adotada em praticamente todas as disciplinas.

Uma forma de agir pode ser elaborada a partir da seguinte reflexão: “[...] Uma coisa é a ação educativa de um educador desesperançado e outra é a prática educativa de um educador que se funda na interdisciplinaridade.” (Freire 2000, p. 111). O primeiro nega a essência de própria existência, enquanto o segundo explicita certa opção metodológica e epistemológica.

No contexto escolar a interdisciplinaridade, não tem por objetivo criar novas disciplinas, mas sim utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno através de diferentes pontos de vista, trata-se de um saber diretamente útil para responder às questões e problemas sociais contemporâneos (BRASIL 2000).

Possibilitar a autonomia e permitir ao aluno “escolher” ou mesmo definir como vai agir é produtivo e gera resultados positivos, no entanto devem ser estabelecidos limites e regras para guiar tais “escolhas” dos alunos.

Deci (1998) conclui que o aprendizado será maior quando direcionado pela motivação intrínseca ao invés de controles externos (motivação extrínseca). No entanto, estudos direcionados à Teoria da Autodeterminação indicam que o comportamento extrinsecamente motivado também pode ser importante na educação (DECI; RYAN 1985, apud GUIMARÃES; BZUNECK, 2002).

Ao professor cabe, orientar o aluno e conscientizar que ele tem a necessidade e ao mesmo tempo possui condições para compreender os conceitos propostos. Devem ser eliminadas as barreiras sociais impostas desde as épocas iniciais da educação, onde tínhamos escolas para uma parte da população e apenas estes tinham condições de estudar. É importante que o professor facilite o processo de integração social, despertando o aluno para uma possível sociedade mais justa. A desigualdade social aliada às dificuldades financeiras dos alunos é uma combinação que resulta inevitavelmente em desmotivação e fraca dedicação ao curso.

Quanto à organização da sala de aula Ryan e Stiller (1991 apud BORUCHOVITCH, 2001) indicam que a sala é o espaço de socialização cultural, no qual ocorre desenvolvimento cognitivo e lições afetivas são transmitidas. Faz-se

necessário que o professor propicie um clima encorajador, que facilite a iniciativa, auto expressão e sensível a necessidades internas de cada aluno.

Quanto ao tempo destinado para as aulas, planejar e dimensionar o período escolar, tarefas, intervalos e tudo mais devem ser feitos levando-se em consideração que pouco tempo resulta em competição entre alunos e desistência por parte dos menos confiantes. Tempo em excesso resulta que desconfiança de fraca cobrança e até mesmo descaso por parte do professor (BORUCHOVITCH; BZUNECK 2001).

3.5.1 Motivando o Aluno

Motivar os alunos, conforme discutido anteriormente consiste em solicitar ao aluno ações visando à resolução de um problema ou busca por uma resposta. Significa distribuir tarefas que sejam realizadas com esforço, sem que isso seja algo custoso. Um passo importante para motivação é a conscientização que Gadotti, Freire e Guimarães (2000), propõem. Conscientizar o aluno que as tarefas realizadas possuem fundamento e lhe servirão como suporte a uma formação de qualidade e um futuro aproveitamento dos conhecimentos adquiridos.

Quando os estudantes são motivados extrinsecamente, eles acreditam que o desempenho é importante e querem demonstrar para os demais que possuem habilidades e serem reconhecidos por isso. Eles se sentem bem sucedidos quando agradam ao professor, aos pais, ou apresentam melhores resultados do que seus colegas. Quando estes alunos se confrontam com dificuldades, eles, geralmente não aumentam seus esforços, porque isso demonstra falta de habilidade de acordo com o ponto de visto do próprio aluno.

Possibilitar momentos de diálogo com o aluno facilita o surgimento de sentimentos de confiança. Quando o professor possui a confiança do aluno lhe é possível argumentar e convencer este com mais facilidade, bem como estimular a aplicar mais dedicação e esforços para realizar as tarefas propostas. Quando o aluno tem a consciência da importância do aprendizado fica mais fácil convencê-lo a dedicar-se nas aulas. Quando a motivação é apenas extrínseca, o risco de desistir é maior quando aumentam as dificuldades.

Entre os direitos e deveres, do professor, da escola e dos alunos, é importante incluir os direitos e deveres da família. Educação não é tarefa exclusiva do professor e a escola não é o único espaço de aprendizagem. Toda a sociedade deve empenhar-se na educação, proporcionando espaços para o estabelecimento da aprendizagem.

Retomando a teoria em que a aprendizagem se estabelece em relações e mudanças de comportamentos, o professor deve estruturar e propor momentos que estes dois fatores aconteçam.

Outras questões que o professor deve levar em consideração é que, atualmente, a família busca os mais diversos tipos de interesses, em especial os interesses profissionais. Isso resulta em pouco tempo para seus filhos. Estes, embora tenham casa, comida, roupas, etc., sentem-se desamparados emocionalmente e em muitos casos, procuram na escola (principalmente na figura do professor) o carinho e a atenção que não têm em seus lares, fato que não é diferente numa classe de jovens e adultos. A importância do relacionamento entre professor e aluno dá-se no sentido de permitir que o aluno exponha suas sensações e conseqüentemente, busque seus sonhos, transformando a sua realidade, buscando conhecimento e realização plena.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram obtidos em entrevista com alunos que desistiram do curso, ou seja, alunos que não finalizaram o curso. Alguns participaram de apenas duas aulas, outros chegaram a completar 30% do curso. Para entrar em contato, foi solicitado o telefone de alunos que haviam desistido recentemente do curso técnico em informática, nas duas escolas.

A solicitação foi feita justificando que o contato seria para marcar uma entrevista sobre motivação de alunos em cursos técnicos, com o objetivo de integralizar um trabalho de conclusão de curso de Especialização em Informática na Educação – ESPIE 2009, promovido pela UFRGS. As escolas forneceram as listas com os nomes e telefones dos alunos. No entanto, nem todos os alunos foram contatados, por motivos de telefones desativados, número de telefones não existentes e alunos que não tinham tempo de responder nem mesmo por telefone, outros não poderiam dispor de tempo para assinar o termo de consentimento informado.

4.1. Caracterização dos Entrevistados

Os nomes dos alunos não serão mencionados, para preservar a integridade dos mesmos. Ao invés de nomes, serão utilizados números de um à sete (#1 à #7). A tabela 2 apresenta as características dos alunos entrevistados.

Tabela 2 – Características dos Alunos Entrevistados

Aluno	Idade	Sexo	A	B	C
# 1	20	F	Sim	Sim	Sim
# 2	15	M	Não	Sim	Sim
# 3	21	M	Sim	Não	Não

# 4	20	M	Sim	Sim	Sim
#5	20	M	Sim	Sim	Sim
#6	19	M	Sim	Sim	Sim
#7	18	F	sim	Não	Não

Legenda:

Característica A = Ensino médio completo

Característica B = Conhecimentos básicos em informática

Característica B = Possui computador em casa

A entrevistada #1 é uma pessoa que tem contato com informática e a utiliza como ferramenta no seu trabalho e para comunicação pessoal. Profissionalmente tem experiência em atendimento a clientes de um gráfica. Tem o ensino médio concluído desde os dezoito anos. Com relação as respostas, mostrou-se interessada no curso devido ao desconto oferecido e inicialmente a possibilidade de retornar para sala de aula foi muito motivador, pois estava sem estudar a dois anos. Ao logo do curso foi encontrado dificuldade para compreender conceitos teóricos e identificou que apenas deseja aprender algumas ferramentas de informática e não programação e manutenção de computadores.

O entrevistado #2 trata-se de um adolescente que foi incentivado pelos pais a ingressar no curso. Ao logo do curso enfrentou dificuldades em disciplinas de redes e programação. Apesar de ter contato prévio com informática, percebeu que as teorias apresentadas no curso eram totalmente desconhecidas. Gostava da organização da escola, dos professores e colegas, no entanto desistiu por estar cursando o ensino médio juntamente com o técnico e foi necessário mais dedicação no ensino médio.

O entrevistado #3 ingressou no curso pois tinha interesse em trabalhar com informática. Profissionalmente trabalha com marcenaria. Ficou desmotivado com o curso ao saber que o salário inicial de técnico em informática é baixo. Achou que o curso com aulas todos os dias é bastante cansativo. Desistiu do curso por receber proposta de emprego em uma empresa de esquadrias de madeiras.

O entrevistado #4 atualmente trabalha em uma empresa que fabrica móveis, desejava ingressar no ramo da informática e trocar de profissão. Sua renda colabora com as despesas da família, que é composta por pai, mãe e mais três irmãos menores de idade que cursam ensino fundamental e médio. Desistiu do curso pois a prioridade é o estudo dos irmãos menores. Este entrevistado tem interesse em retornar ao curso no futuro.

O entrevistado #5 ingressou no curso por incentivo de amigos que tinha cursado técnico em informática. Percebeu que o curso não era realmente o que desejava. Considerou o conteúdo de fácil assimilação, mas desistiu pois acredita que a área que deseja trabalhar seja administração. Chegou a cursar um semestre do curso superior em Jogos Digitais. Atualmente trabalha como auxiliar administrativo. Relatou que o curso poderia ter mais conteúdo, pois algumas aulas considerou muito superficiais, não possibilitando aprofundamento nem prática.

O entrevistado #6 inicialmente dedicou-se no curso e manteve-se motivado durante mais de cinquenta por cento do curso. Desistiu por receber uma oportunidade de trabalho, em uma empresa de maquetes de madeira. Demonstrou interesse em retornar e concluir o curso.

A entrevistada #7 considerou que o curso é composto por disciplinas que envolvem assuntos complexos. A aluna reside relativamente longe da escola. É casada e desistiu do curso por ter tarefas em sua casa, que exigem dedicação e tempo, tais como limpeza, e demais tarefas domésticas.

4.2. As Respostas dos Alunos

A partir das respostas dos alunos, podemos agrupá-las de acordo com o roteiro da entrevista, juntando assim, as respostas de todos em um pequeno resumo para cada pergunta.

Dentre os sete alunos entrevistados, os principais fatores que influenciaram seu ingresso no curso, pergunta número um, se destacam: Aquisição de conhecimento, incentivo dos pais, desconto oferecido pela instituição, vagas oferecidas na área de informática, desejo de trabalhar com computador e incentivo de amigos que cursaram técnico em informática.

Quanto à segunda pergunta da entrevista, onde os entrevistados deveriam apontar fatores que contribuíram para a desistência do curso, foram relatados os seguintes motivos: dificuldade de compreender alguns conceitos, rápida elevação da complexidade, troca da área profissional (ou seja desistiram de trabalhar com informática), falta de recursos financeiros, falta de identificação com a área técnica.

Com relação à terceira pergunta, na qual se perguntava sobre as expectativas que o entrevistado tinha com o curso, foram mencionados os seguintes aspectos: Expectativa de concluir o curso, desejo de aproveitamento do conhecimento adquirido no curso, aprendizagem de coisas que imaginava ter no curso, mas não tinha, melhorar de emprego, trabalhar com desenvolvimento para internet, conhecer mais sobre informática.

Com relação à quarta pergunta, onde o aluno citaria aspectos positivos que tenha gostado no curso, foi respondido que: atividades onde era necessário desenvolver alguma ideia, ou criar um projeto, trabalhar em grupos, a organização da escola, atividades de tratamento de imagens, atividades de programação envolvendo linguagens de programação utilizada no mercado de trabalho, o horário do curso e as amizades feitas na turma.

Com relação à quinta pergunta, onde o aluno citaria aspectos negativos do curso, foi respondido que: disciplina de redes de computadores abordava aspectos teóricos complexos, ter colegas repetentes e assistir a filmes ao invés de aula.

Com relação à sexta pergunta, onde o entrevistado deveria informar se o curso foi uma escolha sua, todos entrevistados responderam que foi iniciativa própria.

Na sétima pergunta, onde os entrevistados deveriam responder sobre o que acharam do curso, foi respondido que: vale a pena o esforço e dedicação, o curso tem uma ótima quantidade de conteúdo e aborda conceitos importantes. Um dos entrevistados ficou decepcionado em saber o salário inicial de um profissional em informática. Outro informou que é uma ótima opção para quem gosta de informática.

Com relação à oitava pergunta, onde o entrevistado foi questionado sobre a possibilidade de ingressar em outro curso, alguns responderam que sim, pois descobriram que a informática não era a área que desejam seguir profissionalmente.

Com relação à nona pergunta, na qual o entrevistado deveria informar se tinha interesse em retornar ao curso, apenas um relatou que poderia retornar ao curso em outro momento.

4.3. Analisando as Respostas Qualitativamente

Uma situação percebida foi a desmotivação e falta de interesse por atividades muito complexas, ou seja, atividades que continham objetivos fora do alcance dos alunos. Os estudos feitos pelo psicólogo soviético Vigotsky ajudam a compreender este fenômeno. Primeiro temos a definição de *nível de desenvolvimento real* (VIGOTSKY 1984), como sendo aquilo que as crianças conseguem fazer sozinhas e *nível de desenvolvimento potencial*, como sendo aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda de um professor ou mesmo com ajuda de outra criança e finalmente *zona de desenvolvimento proximal* que consiste na distância entre o nível de desenvolvimento real (solução independente de problemas) e o nível de desenvolvimento potencial (solução de problemas com ajuda de adultos ou em colaboração com companheiros mais capazes).

Tal situação, citada no parágrafo anterior, se torna clara e explicável com a teoria apresentada acima, ou seja, quando os alunos estão diante de uma tarefa, cuja exigência cognitiva está além da zona de desenvolvimento proximal, é quase certo que não vão entender a tarefa, não serão capazes de realizar ou vão concretizá-la de forma incorreta.

Nestes casos o professor deve se certificar que foram explorados todos os conceitos necessários e que os alunos possuem condições de realizar o que foi solicitado. As tarefas propostas devem ter soluções que não sejam muito simples nem complexa demais. O aluno deve ser desafiado a resolver problemas compatíveis com seu nível de aprendizado, e motivado o suficiente a ponto de dedicar-se e resolver o que foi proposto. Grande parte das desistências se deve à falta da real identificação, por parte do professor, de onde está este limite, entre o que o aluno consegue e não consegue realizar.

Cabe aqui destacar a importância de identificar corretamente a zona de desenvolvimento proximal e que a colaboração entre pares pode levar as crianças a

regredirem (MOLL 1996), pois em diferentes circunstâncias, as crianças podem ser levadas tanto a um desenvolvimento quanto a uma regressão em seu pensamento, dependendo da natureza de suas interações sociais.

Os alunos entrevistados demonstraram uma tendência a visualizar pequenos projetos, tais como: novo emprego, trabalhar em uma área de tecnologia da informação, qualificação de sua mão de obra, aumento salarial etc. Este fato indica que existe um desejo interior da realização de sonhos por parte dos alunos, mas ainda pequeno. Para que os projetos dos alunos ganhem força, é necessário que sejam incentivados de forma a não desistirem e aplicarem mais esforços, a fim de perceberem a possibilidade de realização de seus projetos.

Outros alunos demonstraram que seriam necessárias mais condições financeiras para continuarem no curso. Uma possível forma de ajudar estes alunos seria maior prazo para pagamento das mensalidades ou mesmo bolsas de auxílio.

Um dos problemas apontados na entrevista, de que o salário de um técnico em informática é baixo, exige uma ação do professor. Este deve esclarecer que salário inicial de muitas profissões são baixos e o desnível salarial de um profissional para outro pode ser bem alto.

Nas entrevistas se percebeu que o relacionamento entre os alunos sempre foi agradável e saudável, inclusive deixando sentimentos de saudade em alguns entrevistados.

Alguns entrevistados demonstraram, claramente, que deveriam ter mais explicações sobre o conteúdo e disciplinas do curso. Ao relatar que desejava aprender sobre a utilização de uma ferramenta específica, se percebe que o curso que este entrevistado deveria estar cursando era outro e não técnico de informática. O curso técnico de informática contempla a utilização de programas e recursos de computação para o suporte, manutenção e desenvolvimento. Não fazem parte das disciplinas do curso técnico de informática a criação de desenhos, plantas ou maquetes arquitetônicas, que um entrevistado acreditava fazer parte.

Um dos motivos para desistência do curso apontado por alguns entrevistados é a dificuldade e complexidade da área técnica em informática. Tal percepção de que o conteúdo era difícil, pode ser explicada por dificuldades em lidar

com pensamento lógico-matemático e pela não identificação com a área das exatas. Uma vez que o conteúdo é teórico e técnico, envolvendo números, fórmulas, conceitos lógicos e demais características das exatas, cabe ao aluno, se dedicar e ter um mínimo de vocação para a área. Por outro lado, um dos entrevistados relatou achar o conteúdo de fácil compreensão, no entanto não era aquilo que desejava trabalhar.

Outro fato importante identificado é que o exercício da profissão técnico em informática não exige registro para realização da atividade. Este ponto deve receber atenção das escolas, que deve incentivar a exigência de contratação de profissionais com certificado em técnico de informática para exercer atividade relacionada com informática.

Na análise se identifica a necessidade de melhorar a comunicação entre alunos – professor e entre alunos – escola. Ao realizar a matrícula o aluno está diante de uma situação de encantamento com o curso, sonho de emprego melhor, vantagens e demais benefícios e dificilmente recebe as informações relativas ao ritmo de estudo que deverá se dedicar. Quando iniciam as aulas percebe que grande parte dos benefícios depende dele mesmo.

Dentre alguns entrevistados se percebeu o baixo rendimento nas avaliações. De certa forma, alunos que não estão se identificando com o curso apresentam a tendência de limitar esforços e não se dedicarem nas avaliações.

4.4. O Que a Escola Pode Fazer

As entrevistas revelaram, além da falta de tempo dos alunos, outros fatores importantes que devem ser levados em consideração. Cabe aqui destacar que não é apenas ao professor que se destinam as conclusões e fatores identificados nas entrevistas. Alguns fatores se destinam fundamentalmente às escolas que oferecem os cursos. Dentre os fatores que cabem à escola, se destacam o conhecimento dos conteúdos e disciplinas dos cursos, as vantagens em possuir o certificado de um dos cursos, valores a serem investidos etc.

Quanto ao conhecimento do curso, foi identificado nas entrevistas que alguns alunos não tinham consciência do real objetivo do curso. Foi identificado que alguns alunos não sabem o que realmente é o curso (conteúdo das disciplinas). Ao falar

em informática, se tem uma ampla gama de segmentos, o curso técnico em informática visa dar uma base que servirá para o aluno escolher entre os vários segmentos. Tais segmentos divergem, alguns envolvem raciocínio lógico, outros são mais gerencias e envolvem desenvolvimento de autonomia. Seria importante colocar estas informações aos alunos no momento da matrícula.

Acredita-se que a parte inicial dos cursos seja a mais complexa, não apenas na informática mas também em administração, publicidade e todos os segmentos profissionais e, por conseguinte, de todos os cursos profissionalizantes. Ao ingressar no curso, o aluno se depara com teorias e aspectos históricos, que ficam muitas vezes distantes das práticas atrativas para os alunos. Por isso o aluno deve saber que compreender a teoria é importante para sua formação, tanto quanto compreender a prática.

Quanto à regulamentação profissional. Mesmo que possuir um certificado de técnico em informática apresente vantagens, tais certificados não são exigências legais para exercício das profissões, como acontece, por exemplo, com técnicos de enfermagem ou técnicos de construção de edifícios.

Para além das entrevistas, em outras conversas com alunos que finalizaram o curso se identifica que mesmo alunos residentes em cidades distantes, conseguem organizar-se e administrar o tempo disponível, dosando tempo para trabalho e estudos, mesmo morando a 200 km da escola. Como é o caso de um aluno formado em 2010 que mora em Gramado, este relatou que sua formação foi feita de forma organizada e planejada, dividindo tempo entre estudo, trabalho e mais de quatro horas por dia de transporte.

Resumindo pode-se dizer que realizar um curso técnico exige do aluno dedicação e empenho. Agora a própria escola pode ajudar neste processo, principalmente colocar informações sobre o curso e a profissão a disposição dos alunos e criar condições adequadas para o estudo e para a permanência no curso.

4.5. O Que o Professor Pode Fazer

Como existem diferenças entre as turmas, as aulas precisam considerar este fator e devem criar possibilidades de aprendizagem para variados perfis de turmas.

Mesmo dentro de uma turma, alunos podem atingir diferentes níveis de aprofundamento na disciplina, por isso, o professor precisa estar preparado para lidar com tais diferenças entre os alunos.

Relacionar a teoria apresentada sobre motivação no capítulo três, com a prática em sala de aula, significa fazer com que a aula se relacione com os projetos e sonhos dos alunos. Para isso deve se demonstrar que o conteúdo da aula faz parte das funções desempenhadas pelos profissionais da área técnica em informática e que compreendendo os conceitos de determinada disciplina o aluno estará apto a desempenhar atividades profissionais.

Neste momento se percebe dificuldade, pois muitos alunos ainda não projetaram nem sonharam o suficiente ou mesmo algo possível de acontecer no seu futuro profissional. Diante disso cabe ao professor estimular estes sonhos e descobrir o conteúdo destes, relacionando-os com sua disciplina. É preciso sonhar, Alves (2000, p. 43): “[...] E o que é um profissional se não um corpo que sonhava e que foi transformado em ferramenta? As ferramentas são úteis. Necessárias. Mas que pena – não sabem sonhar... [...]”.

Sonhar, no sentido de projetar destino profissional e pessoal, de forma realista, porém ousada e curiosa. É preciso despertar o aluno para a realidade, a fim de que este conheça as tecnologias e invenções já descobertas, e com base neste “conhecimento” já conquistado pela humanidade, projetar novas soluções para o futuro, preocupando-se com os problemas sociais, ambientais e culturais.

O futuro será o tempo atual do aluno. O aluno quando se tornar profissional precisa contribuir com o progresso. Este conceito precisa ficar claro, o conceito de que suas ações farão à diferença no futuro, dando continuidade à evolução humana e tecnológica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiar a autonomia e coragem favorece o estabelecimento de alianças entre educando e educador (DECI 1998). Deci (1998) cita o exemplo de alfabetização, onde é necessário ensinar a ler, neste caso é possível permitir que os alunos escolham o que ler. No técnico em informática, podemos citar o ensinar a programar, neste caso é possível permitir que os alunos escolham para qual área irão programar, por exemplo, programar para área financeira, ou médica. No entanto, o autor conclui que apoiar a autonomia pode ser bem difícil, pois as pessoas estão acostumadas a ser controladas.

Ao proporcionar novos horizontes para os alunos e permitir que cada um defina o que produzir ou mesmo aprofundar, o professor, ao mesmo tempo em que apresenta um mar de caminhos possíveis de serem seguidos sem um mapa dizendo qual o caminho correto, permite a cada um definir e criar seu próprio caminho.

Colocar em prática esta proposta nem sempre é um caminho fácil. A proposta de colocar desafios e propor que cada aluno se descubra e aprofunde de acordo com suas potencialidades, não é a realidade encontrada. Em muitos casos, ainda é conforme destaca Alves (2000, p. 30): “[...] É como nos catecismos religiosos: o mestre diz qual é a pergunta e qual é a resposta certa. O aluno é aprovado quando repete a resposta certa que o professor ensinou. [...]”. A atual sociedade precisa de pessoas que façam mais do que simplesmente reprodução dos conhecimentos já descobertos. A sociedade precisa de pessoas criadoras e inovadoras.

Palavras de incentivo, tais como: “o que você fez foi um excelente trabalho, que pode melhorar ainda mais”, “o trabalho realizado até aqui foi muito bem feito, porém pode melhorar, tens condições para tal feito”, devem ser utilizadas pelo professor para incentivar a participação cada vez mais ativa dos alunos no curso. Porém, estas palavras, quando utilizadas em demasia ou em situações não adequadas podem diminuir seu impacto, tornando-se falácias e sem significado. Além disso, é importante não fazer

afirmações gerais, mas apontar precisamente o que foi bem feito e quais seriam os aspectos a serem melhorados.

Visando o contexto escolar, devem ser exploradas formas textuais e linguísticas que possibilitem ao aluno condições satisfatórias para a compreensão dos conceitos propostos. Caso esta compreensão não seja alcançada pode ocasionar desmotivação.

Proporcionar tais condições significa oferecer introduções objetivas ao conteúdo e o desenvolvimento de um material de apoio que seja dosado, na sua quantidade de informação. As atividades devem ser relatadas de forma clara e objetiva. Explicar detalhadamente as tarefas nunca é demais, às vezes pode ser necessário explicar coletivamente qual a real exigência da tarefa proposta. Outro ponto a ser explorado é informar sempre o que o aluno terá aprendido ao final de cada aula, ou o que o aluno será capaz de realizar depois de ter participado da aula e desenvolvido as tarefas solicitadas.

Um forte foco de importância é a compreensão, por parte do professor, das dificuldades do processo de aprendizagem. Para isso o princípio da exterioridade, o mesmo adotado na elaboração dos textos, deve ser utilizado sempre, para que o professor desenvolva aulas onde seja possível o aluno encontrar subsídios suficientes para compreensão dos conceitos propostos.

Considerando a própria realidade dos educandos, o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos, abrindo-lhes um maior campo para atingir o conhecimento, prevenindo a evasão escolar. Os jovens querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatarem a sua autoestima, pois sua “ignorância” lhes trará ansiedade, angústia e “complexo de inferioridade”. Esses jovens são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficientes para esse tipo de modalidade.

O presente trabalho argumentou que a motivação está associada a diversos fatores, implicando consideravelmente no aproveitamento do curso por parte dos alunos e no rendimento escolar com um tudo. Para melhorar os níveis de motivação, o

professor pode adotar técnicas que vão desde uma fala aproximada, aspectos psicológicos, sociais, até recursos tecnológicos diversos.

Desta forma, cabe ao professor dos cursos técnicos em informática:
Apresentar as tecnologias atuais, como usá-las de forma correta, ética e produtiva;
Mostrar que as ações dos alunos são importantes e terão impacto na sociedade;
Demonstrar que no futuro seus esforços se transformarão em resultados que podem ser benéficos para a sociedade e para si mesmo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem Azevedo. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Editora Papirus, 2000.
- ALVES, Rubem Azevedo. **Conversas com quem gosta de ensinar: Qualidade total na Educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Ars Poetica, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal, tradução por Maria Ermantina Galvão, revisão: Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira, revisão: Marina Appenzellerl. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- DECI, Edward L.; FLASTE, Richard. **Por que fazemos o que fazemos: Entendendo a automotivação**. Tradução por Paula Csillag, revisão: Cláudia Troncoso e Renata Baleiro. São Paulo: Editora Negócio Editora, 1998.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução por Anísio S. Teixeira. 10. Ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1978.
- FEEVALE, Escola de Educação Básica Feevale Escola de Aplicação. Ensino, Escola de Aplicação, Disponível em: < <http://www.feevale.br/home/>>. Acesso em 21 mar. 2011.
- FEIJÓ, Alexandre Araújo. **Fatores Determinantes da Motivação / Desmotivação de Alunos do curso Técnico em informática do Colégio Agrícola de Camboriú:**

Seropédica RJ: UFSC, 2009. 86 pag. Dissertação de Metrado, Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação Instituto de Agronomia Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola.

FREIRE, Paulo. **Conscientização Teoria e Prática da Libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Kátia de Mello e Silva, revisão: Benedito Eliseu Leite Cintra. 3 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

GARCIA, Sandra Regina de Oliveira. **O fio da história: a gênese da formação profissional no Brasil**. Disponível em <www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0904t.PDF> . Acesso em 28 mar. 2011.

São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.

GUIMARÃES , Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo. Propriedades psicométricas de uma medida de avaliação da motivação intrínseca e extrínseca: um estudo exploratório. **Psico-USF**, Londrina, volume 7, fascículo 1, páginas 01-08 Janeiro 2002.

HILGARD, Ernest Ropiequet. **Teorias da Aprendizagem**. 4° Reimpressão. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1975.

JAQUES, Patrícia Augustin e VICARI, Rosa Maria. Estado da Arte em Ambientes Inteligentes de Aprendizagem que Consideram a Afetividade do Aluno. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, volume 8, número 1. Disponível em

<<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/9627>>. Acesso em 28 mar. 2011.

JUSANI, Natália de Cássia Oliveira da Silva. **A importância da afetividade no processo de cognição – afetividade e cognição: caminhos que se cruzam**. São Paulo: junho 2009. Disponível em <<http://www.abpp.com.br/monografias/12.htm>>. Acesso em 30 mar. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2007. Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em 22 mar. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, ENEM. Seção Estudantes. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em 21 abr. 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, ENADE. Seção Estudantes. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em 21 abr. 2011.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Tradução de Fani A. Tesseler. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.

OLIMPIO, Escola de Educação Profissional. Disponível em: <<http://www.escolaolimpio.com.br/>>. Acesso em 21 mar. 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A polissemia na noção de leitura**. Discurso e Leitura. São Paulo: Editora Unicamp e Cortez, 1998.

PIMENTEL, Elizabeth. **O poder da palavra dos pais**. São Paulo: Editora Hagnos, 2006.

SHOR, Ira e FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Tradução de Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo, revisão: José Cipolla Neto. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de Monica Stahel. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Termo de Consentimento Informado

No mundo profissional de hoje, conhecimento e atualização são cada vez mais importantes. Mas sabemos pouco sobre o real envolvimento e dedicação dos alunos. Por isso, estamos realizando uma pesquisa sobre motivação dos alunos dos cursos técnicos de informática.

No contexto desta pesquisa, será realizada uma entrevista com cada um dos participantes do curso, de aproximadamente 30 minutos. A entrevista é voltada para a vida profissional e experiências educacionais.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. Se no decorrer da pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

O pesquisador responsável por esta pesquisa é Marcelo Josué Telles, aluno do curso de especialização em Informática na Educação (ESPIE 2009) oferecido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (CINTED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa faz parte do trabalho de conclusão do curso. A pesquisa está sendo realizada sob orientação do professor Dr. Johannes Doll (Faculdade de Educação) da UFRGS. Ambos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que eventualmente o(a) participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através dos telefones (051) 3308.3264 (Faculdade de Educação) ou (051) 9164 0596 (Marcelo Josué Telles).

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____ concordo em participar desta pesquisa.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador responsável

Porto Alegre, _____ de _____ de 2011.15023